



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPOS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA**

FÁBIO CONCEIÇÃO LEITE

**A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO TEMPLO RELIGIOSO: Memórias,
Representações e Adoração em Picos (1945-1974)**

**PICOS-PI
2023**

FÁBIO CONCEIÇÃO LEITE

A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO TEMPLO RELIGIOSO: Memórias,
Representações e Adoração em Picos (1945-1974)

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. José Lins Duarte

PICOS-PI

2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L533c Leite, Fábio Conceição

A construção de um novo templo religioso : memórias, representações e adoração em Picos (1945 – 1974) [recurso eletrônico] / Fábio Conceição Leite - 2023.

45 f.

1 arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHN

Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos, 2023.

“Orientador : Dr. José Lins Duarte”

1. Igreja. 2. Povoamento. 3. Igreja – Nossa Senhora dos Remédios. 4. Picos - PI I. Duarte, José Lins. II. Título.

CDD 282

Emanuele Alves Araújo - CRB 3/1290

FÁBIO CONCEIÇÃO LEITE

A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO TEMPLO RELIGIOSO: Memórias, Representações e Adoração em Picos (1945-1974).

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. José Lins Duarte.

Aprovado em: 11 de outubro de 2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Lins Duarte – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinadora Interna



Prof. Me. Cássio de Sousa Borges
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinadora Interna

*Ao meu bom e amado Deus, que me deu sabedoria e fé
para chegar até aqui.
À minha amada família, sempre me dando toda força e
apoio necessário.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido o dom da vida, a virtude da sabedoria e persistência naquilo que sempre quis, não posso deixar de agradecer também a meu pai (*in memória*), por sempre ter dedicado sua vida a priorizar minhas escolhas e sempre ter me dado apoio nas minhas decisões e o incentivo a nunca desistir da escola. À minha mãe, Maria da Paixão, deixo aqui também meus sinceros agradecimentos, sempre esteve comigo nos momentos bons e ruins, sempre foi meu alento nos piores momentos dessa caminhada, e por sempre ter sido minha fonte de motivação, sem ela nada disso seria possível. Registro aqui nesse momento meus agradecimentos também a meus amigos, amigos esse que fiz ao longo dessa jornada e que jamais deixarão de ser lembrado em minha vida, em especial Rayla Bezerra Carvalho, uma das primeiras amizades ao qual tive contato na instituição, agradeço imensamente a Gabriela Albuquerque que se transformou em minha melhor amiga e que dividiu grandes momentos durante essa trajetória, a Marcos Menezes, Bruno Félix e Alexandre Teodoro, Raysa Muniz professora Dra. Joselma Gomes dos santos, Helen moura vocês moram no meu coração, agradeço também ao Prof. Dr. José Lins Duarte por ter me guiado e me orientado durante todo esse tempo, foi grande o conhecimento que tive com ele, e além de ter suportado meus anseios, medos e insegurança no que se refere a realização dessa pesquisa.

RESUMO

O trabalho analisa os significados da construção do novo templo de Nossa Senhora dos Remédios, também conhecida como igreja Matriz, para a cidade de Picos – Piauí, entre 1945 e 1974. Como meio de investigação nesse estudo, foram utilizados jornais, revistas, imagens, livros genealógicos, documentos da igreja, documentos do Estado e entrevistas com fiéis da cidade de Picos e membros da diocese de Picos. Como embasamento teórico nesse estudo, fizemos uso, principalmente, das reflexões de Vanessa Ribeiro (2012), além disso também fizemos uso das contribuições de Azevedo (2002), Iracilde Moura Fé Lima (2005), Vieira (2005) e Amanda Rodrigues (2021). O estudo apontou que a construção do novo templo, embora não tenha sido bem vista inicialmente, por mexer com toda a estrutura representativa da fé católica na cidade picoense, teve grandes repercussões sociais, pela sua magnitude arquitetônica e também pela renovação da fé propiciada, que foi expressa, sobretudo, através da mobilização social, que tornou possível a realização da obra.

Palavras-chave: Igreja. Povoamento. Picos. Piauí. Catedral.

ABSTRACT

The work analyzes the meanings of the construction of the new temple of Nossa Senhora dos Remédios, known as Igreja Matriz, for the city of Picos - Piauí, between 1945 and 1974. As a means of investigation in this study, newspapers, magazines, images, genealogical books, church documents, state documents and interviews with faithful from the city of Picos, as well as members of the diocese of Picos. As a theoretical basis in this study, also of use, Vanessa Rodrigues das reflections (201), mainly contributions from Azeve (2005), Iracil de Moura Fé Lima (2005) and Amanda Rodrigues Fé Lima (2021)). The study pointed out that the construction of the new temple, although it was not well regarded initially, for messing with the entire representative structure of the Catholic faith in the city of Picoense, had great social repercussions, due to its architectural magnitude and also for the renewal of the faith provided, which it was expressed, above all, through social mobilization, which made it possible to carry out the work.

Keywords: Church. Population. Picos. Piauí. Cathedral.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01: Partem em vermelho – Picos Piauí	17
FIGURA 02: Localização das ruas que circundam a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos-PI, em 2020	25
FIGURA 03: Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 1950	26
FIGURA 04: Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 2020	26
FIGURA 05: Imagem de Nossa Senhora dos Remédios.....	29
FIGURA 06: Igreja Nossa Senhora dos Remédios em 1930.....	32
FIGURA 07: Reconstrução da Igreja Nossa Senhora dos Remédios em 1950.....	33
FIGURA 08: Benção Oficial a Igreja Nossa Senhora dos Remédios em 1971	40

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. A RELIGIÃO CATÓLICA NO BRASIL: LEMBRANÇAS DA NOSSA CIDADE	16
2.1. A formação de Picos	17
2.2. A igreja do Sagrado Coração de Jesus	22
3. UM LUGAR DE ADORAÇÃO: O TEMPLO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS.....	29
3.1. As motivações para a construção do novo templo.....	32
3.2. Repercussões da mudança e participação social.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende investigar os significados da construção da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, também conhecida como igreja Matriz, localizada na cidade de Picos-PI. O primeiro templo de Nossa Senhora dos Remédios foi construído em 1871, no intuito de abrigar a imagem de Nossa Senhora dos Remédios. Por conseguinte, as obras do novo templo se iniciaram em 1945, demorando 20 anos para serem concluídas. Dessa forma, achamos melhor delimitar nosso marco temporal de pesquisa entre os anos de 1945-1974, terminando no ano da criação da Diocese de Picos. Antes da construção dos referidos templos, a cidade de Picos expressava sua fé através do local em que hoje fica a igreja do Sagrado Coração de Jesus, tendo sido a primeira manifestação do catolicismo em Picos, construída em forma de capela no ano de 1830, dedicada a adoração de São José (ALBANO, 2011).

Os edifícios das referidas igrejas fazem parte dos patrimônios histórico-culturais da cidade, conforme a lei de tombamento N° 266/2017 (BARROS, 2017). Essas construções são fruto de um processo histórico e político que guardam muitos elementos da história do povo picoense, que envolvem memórias, representações e adoração religiosa. Dessa forma, o tema deste trabalho ficará da seguinte forma: A construção de um Novo Templo religioso: Memórias, Representações e Adoração em Picos – PI (1945-1974).

O que me motivou a estudar o assunto em questão foi uma indicação do professor José Lins Duarte, que me orientou no tema. Antes da sua indicação eu estava bastante perdido e indeciso sobre qual assunto abordaria no meu TCC. Depois de sua indicação refleti sobre o assunto e procurei trabalhos acadêmicos que falassem diretamente sobre a temática, mas encontrei pouco material, como veremos no decorrer deste trabalho.

A partir do momento que comecei a pensar sobre o tema indicado, senti bastante interesse, devido as minhas memórias adquiridas ao longo do meu contato com a igreja, desde a infância, principalmente as lembranças dos eventos, cerimônias religiosas e festejos frequentados por mim, pelos amigos e por minha família, pois venho de uma família adepta ao catolicismo romano. Logo veio a minha mente, que posso aplicar as teorias estudadas no curso de História nessa pesquisa, sobretudo porque posso me dedicar com prazer por trabalhar com um tema que gosto.

A Igreja Católica Apostólica Romana, desde a época da colonização portuguesa, teve um papel fundamental em nossa cultura, de tal forma que o Brasil nos dias atuais é o país que possui mais católicos no mundo, como aponta os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), indicando que o perfil da sociedade brasileira é formado por 64,6% de adeptos à doutrina do catolicismo. A religião traz muitos significados, sejam linguísticos, de hábitos e costumes, vestuários, formas diferentes de adorar certa divindade a depender da região e do povo, em suas interpretações do que chamam de “vontade de Deus”, em suas construções arquitetônicas, entre outros símbolos culturais. Uma forte herança da religião Ocidental que é comum vermos no Brasil são as igrejas. Sua maioria é construída em locais estratégicos nas cidades, locais de fácil acesso e boa visibilidade, sendo esses templos religiosos muito influentes na sociedade.

Falando sobre este mundo de significados, possibilitados pela religião, a catedral de Picos, mais conhecida entre os picoenses como igreja Matriz, foi construída, conforme a tradição, para abrigar a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, que teria chegado a região no ano de 1847, encomendada pelo Cel. Victor Barros e trazida de Salvador por um escravo, que recebeu sua alforra como prêmio.

Essa tradição é relatada por Ozildo Albano em documentos e até hoje é muito forte na memória dos picoenses, tal como veremos em nosso segundo capítulo. Assim, percebe-se que a história da religiosidade de Picos, desde a construção do seu primeiro templo – a igreja do Sagrado Coração de Jesus – à construção do novo templo – a catedral de Nossa Senhora dos Remédios – é marcada por muitos significados dados pela população, significados esses que são atravessados por memórias e representações religiosas da identidade da cidade.

Dessa forma, nossa principal fonte de pesquisa será a História Oral, haja vista que os relatos acerca da construção da catedral, que conforme a tradição serviria de abrigo para a imagem da padroeira de Picos, torna-se importante para entender a importância desse segundo templo religioso na cidade, tendo em vista as motivações, repercussões da mudança e participação social (entre clero e população), conforme as memórias do povo, que teriam ajudado de alguma forma na obra. Além disso, também trabalharemos com fontes imagéticas e documentais acerca do processo de construção e preservação da Igreja Sagrado Coração de Jesus e da catedral de Nossa Senhora dos Remédios. Por conseguinte, no decorrer do trabalho tentaremos responder aos questionamentos a seguir: O que mudou para os leigos católicos na

adoração religiosa com a criação da Diocese de Picos? O que levou os leigos católicos a ajudar de forma voluntária na construção da catedral? Para os devotos da padroeira qual a influência do segundo templo para a religiosidade local? Quais as dificuldades enfrentadas pela igreja durante a época da construção? Quais as relações de poder entre clero e leigos e entre leigos e o clero?

É importante termos em vista a força da igreja romana que atravessou os séculos, esteve presente e fez parte da colonização do nosso país. As crenças instituídas na antiguidade pela igreja se fazem presentes nos dias atuais. Como exemplo disso é o nome dado a catedral, pois sabemos que Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Picos, é apenas um título dado a Maria mãe de Jesus.

Trazida da Europa pelos colonizadores no século XVI, a religião católica romana do Ocidente, em plenos séculos XVIII e XIX, era bastante forte, nas terras chamadas hoje de Picos. Essas terras eram habitadas pelas famílias dos fazendeiros criadoras de gado vacum. Estes homens possuíam escravos, gado, ovelhas e muitas terras na região. As fazendas de gado dessas famílias tinham contato com as fazendas de gado dos jesuítas, que ficavam próximas umas das outras. As primeiras famílias eram extremamente católicas.

Dessa maneira, buscavam seguir os ensinamentos da igreja: davam esmolas, construía capelas e veneravam imagens que representavam os santos. A construção do primeiro templo da igreja de Nossa Senhora dos Remédios aconteceu apenas no ano de 1871, no intuito de abrigar a imagem da santa. Antes dela já havia a capela dedicada a São José, erguida em 1830, onde nos dias atuais é a Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus.¹ A partir dessa trajetória histórico-religiosa podemos perceber como as crenças da igreja moldaram e ajudaram a construir a nossa cultura local.

Estudar a história da igreja, de nossa cidade, é investigar a simbologia político-cultural e religiosa que a sociedade picoense herdou do Ocidente. A história da Igreja local analisada a partir da construção da catedral de Picos, através de fontes documentais e por relatos de seus moradores, significa entrar em contato com as motivações políticas e religiosas das autoridades regionais da época e dos representantes da igreja.

¹ Disponível em: <<https://www.museuozildoalbano.com.br/marcos-historicos-picos>>. Acesso no dia 11 de outubro de 2021.

Tendo em vista tal importância histórico-cultural, nosso trabalho se justifica pela sua relevância acadêmica, pois buscaremos compreender as motivações, impactos e interesses, nos jogos de relações de poder, que se fizeram presentes na grande obra da catedral. De tal modo, aprofundar-nos-emos não somente em aspectos físicos da edificação da obra, mas também na construção de representações e identidade do povo picoense com a modificação do templo de Nossa Senhora dos Remédios. Acreditamos que também ajudaremos a alicerçar este debate no espaço acadêmico, pois não existem trabalhos disponíveis na internet relacionados à temática proposta.

Nessa perspectiva, nosso principal objetivo gira em torno de identificar as relações de poder que envolveram a reconstrução do segundo templo, bem como buscar perceber a importância da catedral de Nossa Senhora dos Remédios na construção da identidade religiosa do povo da cidade de Picos. De tal modo, procuraremos analisar as intenções da igreja na construção do segundo templo, identificar os grupos sociais responsáveis por ajudar nas obras da Matriz de Picos, bem como perceber as memórias e representações do povo sobre a catedral, buscando compreender como esse processo ajudou na construção de uma identidade coletiva do povo picoense.

A construção e a reconstrução da igreja Matriz de Picos foram permeadas de várias relações de poder. Sendo essa igreja de suma importância para entender e estudar a construção da identidade religiosa do povo picoense, nosso trabalho pretende utilizar-se de duas fontes principais, que consistem em relatos orais, concedidos por meio de entrevistas. Os dois já estão confirmadas, a saber: entrevistas a Evanilson Gonçalves de Moura, ministro da palavra da igreja, que trabalha ativamente como voluntário devoto na catedral de Nossa Senhora dos Remédios; e a Dona Maria Domine Leopoldo Lelés, que faz parte da comunidade católica ativa nas ações da igreja e também é uma grande conhecedora da história da igreja Matriz, sendo uma testemunha ocular de sua reconstrução.

Farei a entrevista com os dois já confirmados nos locais de suas residências, no bairro Boa Vista, na cidade de Picos. As entrevistas serão feitas a partir de um questionário que será atentamente produzido buscando captar memórias importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Pretendemos com isso perceber a memória individual e coletiva – introduzindo mais duas entrevistas ao processo, conforme decidiremos no decorrer da pesquisa – sobre a catedral. Para isso usaremos da

metodologia da história oral tendo em vista o seguinte esquema, desenhado por Maurice Halbwachs (1990) conforme citado por Rios (2013, p. 4):

No esquema analítico de Halbwachs, afirmar que a memória tem um caráter coletivo equivale a dizer que o indivíduo só é capaz de recordar na medida em que pertence a algum grupo social – ou seja, a memória coletiva é sempre uma memória de grupo. Assim, só é possível ao sujeito construir e acessar lembranças na condição de membro de um conjunto ou totalidade que o ultrapassa, não só em termos quantitativos, mas também em termos qualitativos. O indivíduo isolado não forma lembranças, ou pelo menos não é capaz de sustenta-las por muito tempo, pois necessita do apoio dos testemunhos de outros para alimentá-las e formá-las. Dessa forma as memórias individuais são criadas a partir do contato com o outro.

Trabalharemos com a ideia de memória coletiva de Halbwachs, considerando a influência que um grupo exerce na memória individual, haja vista que o indivíduo para sustentar a lembrança precisa estar em meio a um grupo social que o auxilia neste propósito. Conforme mencionado por Rios (2013, p. 04), no decorrer das obras de Halbwachs se destaca-se a impressão de que a memória se configura como um fenômeno coletivo. Assim, diferentemente da filosofia, da psicologia e do senso comum de sua época, século XX, o referido autor defendia a ideia de que a memória é socialmente constituída através das relações estabelecidas entre o indivíduo e o grupo a qual faz parte (RIOS, 2013, p. 04).

Ao fazermos uma comparação das fontes sobre a Matriz, levaremos em consideração a intervenção do lugar sobre a memória defendida por Halbwachs, no qual o autor atesta que as lembranças de um grupo religioso virão a mente por causa de alguns lugares. Isso porque a distinção fundamental, para os religiosos, do mundo sobrenatural para o mundo material, se concretiza materialmente no espaço. Uma igreja proporciona ao cristão um estado de espírito e lembranças reconstruídas por ele e por outros fiéis. “Podemos até mesmo nos afigurar de que a memória de nosso grupo é também contínua como os locais nos quais parece que ela se conserva e que, sem interrupção, uma mesma corrente de pensamento religioso teria passado sob essas abóbadas” (HALBWACHS, 1990, p. 155).

Pierre Nora (1993), por sua vez, nos ajudará numa análise crítica de nossas fontes e materiais bibliográficos, pois para o autor a história se difere completamente da memória. Segundo o autor, a história refere-se a uma construção lacunar, incompleta, bastante problemática daquilo que não mais existe. Assim, para Nora, a

“memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 09).

No seio da história encontra-se permanentemente uma crítica destruidora da memória. A história possui um olhar de suspeita. Sua legítima missão é de esquartejar e destruir a memória. “Uma sociedade que vivesse integralmente sob o signo da história não conheceria, afinal, mais do que uma sociedade tradicional, lugares onde ancorar sua memória” (NORA, 1993, p. 09). Desse modo, o autor também nos servirá de suporte na metodologia do trabalho, haja vista que as fontes serão analisadas a partir do rigor da crítica histórica sobre memória.

Num alinhamento investigativo, reflexivo e textual com a temática em abordagem, este trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro é intitulado “**A religião católica no Brasil: lembranças da nossa cidade**”, onde identificamos o desbravamento e povoamento da região de Picos, além de discorrer sobre as manifestações religiosas ocorridas nesse processo, enfatizando a influência da igreja na formação de Picos. Já o segundo capítulo, intitulado de “**Um lugar de adoração: o templo de Nossa Senhora dos Remédios**”, é o momento no qual pretendemos abordar o processo de mudança do templo antigo para o novo templo de Nossa Senhora dos Remédios, buscando evidenciar os motivos que levaram a construção de um novo templo religioso, quais as repercussões dessa mudança para a sociedade picoense, e o modo como a população participou desse evento histórico-religioso.

2. A RELIGIÃO CATÓLICA NO BRASIL: LEMBRANÇAS DA NOSSA CIDADE

Segundo o autor Thales de Azevedo (2002, p. 32), para compreendermos a história religiosa do Brasil, não é necessário voltarmos muito no tempo, podemos analisar o período de 1889: “Até então, o catolicismo era a religião oficial do regime monárquico e a igreja, praticamente, estava subordinada ao Estado em virtude do caráter legalista da legislação civil”. Neste contexto houve conflitos muito fortes entre as autoridades religiosas e as autoridades civis, por causa da influência do estado sobre a religião, pois em muitos casos o estado nomeava alguns bispos, conforme seus interesses.

De acordo com Azevedo (2002), a religião católica no Brasil é herdeira de muitos aspectos da cultura portuguesa, pode-se perceber que ela sempre foi diferente do catolicismo espanhol, pois sempre teve certa tolerância e flexibilidade, isto em comparação com a conflituosa religiosidade espanhola.

No cotidiano religioso brasileiro, de modo geral, sem pontuar algumas singularidades e reservas, a maior parte das práticas dos católicos é a adoração das padroeiras e santos, de freguesias e cidades, ou daqueles santos, ou homens sagrados que protegiam seus trabalhos, profissões, lavouras e família. Essa forma de adoração era marcada, em grande medida, no culto realizado em orações e rezas cantadas e recitadas em novenas, procissões, pela adoração doméstica, romarias, aos templos religiosos aonde o povo tinha o costume de venerar imagens. Esse culto não seguia de forma estrita o catálogo do calendário oficial da igreja, nem com as recomendações litúrgicas.

Este culto, em certos aspectos era perfeitamente ortodoxo, mas sem dúvida exagerado em sua importância com detrimento da vida espiritual propriamente dita, tem curiosidades muito significativas: uma delas é que, não raro, associa-se a práticas de natureza mágica aprendidas sobretudo dos indígenas que habitavam o país por ocasião da descoberta e que estão hoje reduzidos a algumas centenas de milhares nas florestas mais afastadas do litoral; outra é o fato das imagens dos santos sofrerem castigos quando tardam ou deixam de atender aos rogos dos seus devotos, o que assimila esse culto a uma idolatria (AZEVEDO, 2002, p. 36).

Assim como nos evidencia o autor, o culto instituído pela Igreja Católica Romana sempre foi bastante comum em nosso país. A veneração de imagens dos

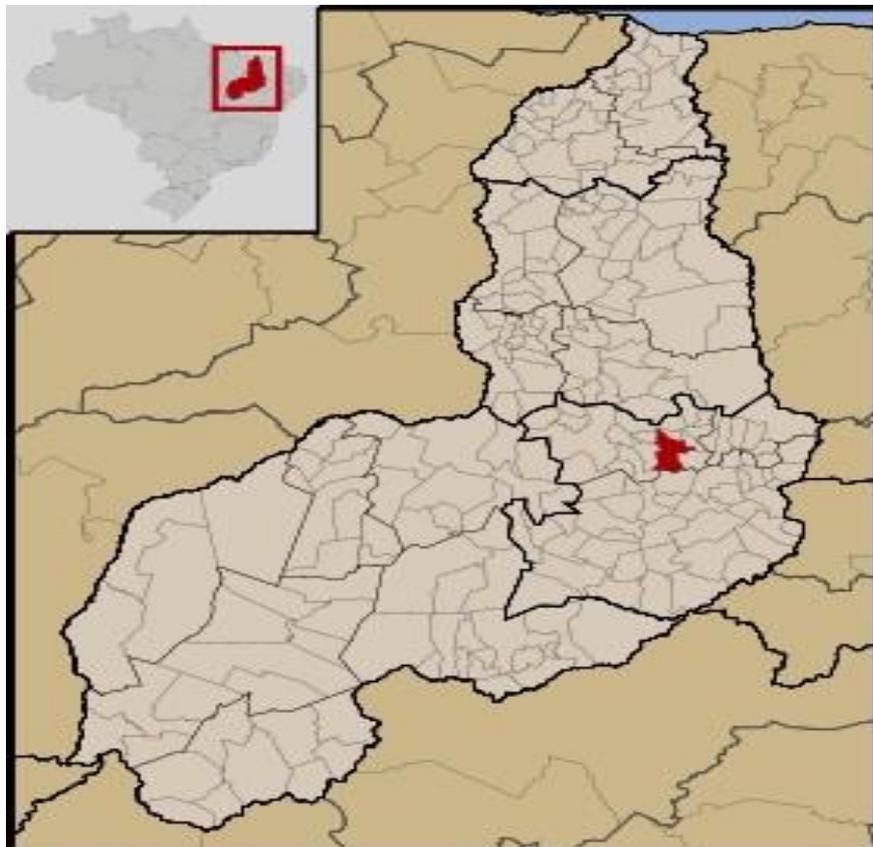
santos antigamente era tão forte que se assemelhava, segundo a citação, a idolatria, por causa do grande apego dos fiéis as imagens.

É mediante esse contexto religioso que abordaremos sobre a formação da cidade de Picos no Piauí, buscando entender como a religião influenciou no processo de construção da cidade. Partimos do pressuposto de que a fé na doutrina cristã serviu como um ímã, trazendo as mais distintas pessoas para um coletivo religioso, de modo a construir uma comunidade cristã, tendo em vista determinados aspectos políticos e econômicos, os quais exploraremos no item a seguir. Além disso, também exploraremos, em um segundo item, o processo de construção da igreja do Sagrado Coração de Jesus, identificando todo o processo, bem como sua importância para a sociedade picoense do século XIX e para a religiosidade ainda hoje presente na referida cidade.

2.1. A formação de Picos

Como podemos observar no mapa abaixo, a cidade de Picos está localizada na região centro sul do Piauí, estando a 330 km de distância da capital, Teresina.

Figura 01: Parte em vermelho – Picos Piauí



Fonte: Ribeiro (2012, p. 11).

Concordamos com Vanessa Ribeiro (2012) que para compreendermos o processo de povoamento da região de Picos é preciso situar o contexto vivenciado pela capitania do Piauí, sobretudo no que refere-se aos fatores que tornaram possível a ocupação da região.

O povoamento no estado do Piauí se deu através da criação de gado, haja vista que essa atividade econômica não exigia muita mão de obra e a estrutura demográfica era pouco desenvolvida.

Como se sabe, o Brasil colonial possuía uma estrutura econômica ruralista, tendo em vista que as atividades rurais de exploração e produção de matéria-prima foram a base da colonização das terras brasileira pela Coroa Portuguesa. Nesse processo de colonização, destacava-se as regiões litorâneas brasileiras, que eram mais desenvolvidas por participarem do comércio e exportação de produtos. Com isso, ficavam-se para trás as regiões interioranas de onde partiam esses produtos, fazendo com que fossem menos desenvolvidas e povoadas (RIBEIRO, 2012).

Descoberto por volta de 1674, o Piauí é povoado de maneira diversa das demais capitanias: seu solo é conquistado partindo-se do interior (do rio São Francisco) para o litoral. Foi no vale do rio Canindé que Domingos Afonso Sertão, considerado como o descobridor desses sertões, funda várias fazendas de gado, sendo a mais importante, a da Aldeia de Cabrobó que em 1712 é elevada à condição de vila, recebendo o nome de Mocha, sendo instalada somente em 1717, ocasião em que o governador do Maranhão envia muitas famílias para a nova povoação, inclusive um magote de 300 degredados, com a finalidade de promover seu desenvolvimento. Desde os seus primórdios foram às fazendas de gado que definiram a forma de ocupação do solo e a distribuição dos colonizadores ao longo do sertão piauiense: já em 1697, apenas um ano após a criação de sua primeira freguesia, contava-se em 129 o número de fazendas de gado, situadas nas margens de 33 rios, ribeiros, lagoas e olhos d'água limítrofe com as terras dos gentios (MOTT, 1985, p. 45).

Conforme percebe-se na fala de Luiz Mott (1985), a pecuária dominou a economia piauiense no século XIX. Embora essa estrutura da pecuária extensiva, no estado, fizesse com que a população se mantivesse afastada, graças as distancias das fazendas, pouco povoadas, os principais núcleos de povoamento no Piauí ainda eram essas fazendas e sítios. É nesse sentido que Ribeiro (2012) evidencia como o povoamento de Picos, na segunda metade do século XIX, foi impulsionado, sobretudo, pela pecuária.

O lucrativo comércio pecuarista atraía imigrantes da zona açucareira e, sobretudo, da região de Minas Gerais, tanto que o Piauí passou a ser considerado

durante todo o período colonial como o ‘curral e o açougue do Brasil’ (MOTT, 1985). Dessa forma, Ribeiro (2012, p. 23) expressa que a “atividade pecuarista possibilitou o lento povoamento do sertão, visto que as fazendas foram aumentando e o gado foi ganhando cada vez mais espaço no mercado externo”.

A fazenda de gado, por conseguinte, foi o germe do povoamento dessa região constituindo a partir daí o modelo dominante de ocupação do território. A proliferação das fazendas se deve não apenas a regular demanda de gado por parte dos milhares de engenhos de nordeste açucareiro, mas, sobretudo a partir do século XVIII, a crescente importação de boiadas pela rica e pujante região aurífera das Minas Gerais (MOTT, 1985, p.72).

Vale ressaltar que também há registros da comercialização de outros gêneros, como a “exportação de rapadura, aguardente, fumo, embora em pequenas quantidades” (QUEIROZ, 1998, p. 28). Essa comercialização ocorria em feiras, onde as pessoas se juntavam a fim de oferecer o excedente de suas produções (RIBEIRO, 2012).

É nesse contexto que se insere o povoamento de Picos. Inicialmente foi colonizado a região de Bocaina, que até então fazia parte do processo de povoamento de Picos. A vasta região dos Picos, de muito mato e morros, era passagem de tropeiros, mas as famílias da região também compravam gados desses tropeiros, caracterizando assim o comércio de feiras. Antigamente, no local onde fica hoje a cidade, existia uma fazenda denominada Curralinho, que pertencia a família Borges Leal, ela se encontrava em meio a outras fazendas: Bocaina, Samambaia, Sussuapara e outras.

Por volta de 1712, os irmãos Borges Leal vieram de Portugal para a Bahia e tempos depois, na década de 1740, chegaram ao Piauí, trazendo escravos e gado e ocupando grandes áreas de terras, localizando-se Antônio Borges Leal Marinho na região que atualmente fica a Bocaina-PI, casando-se com Maria da Conceição Pereira de Sousa Brito. Albino Borges Leal Marinho ficou na região de Piracuruca-PI, especificamente onde hoje está Buriti dos Lopes-PI, e Francisco Borges Leal Marinho ficou na região de Inhamuns, extremo do Piauí com o Ceará. (LUZ, 2003).

A primeira edificação a se destacar nesse processo de povoamento foi uma capela, construída pelo sertanista Borges Marinho e dedicada a adoração de Nossa Senhora da Conceição. O que se pode perceber é que Picos, assim como a grande maioria das cidades brasileiras, sofreu influência da igreja em seu processo de construção, isso porque havia uma íntima relação entre a igreja e o

Estado no período colonial. De tal forma que “o templo era o imã que reunia o grupo. Sua edificação consolidava a forma de aliança no cerimonial periódico ali realizado” (ROLNIK, 1995, p. 14). Além disso, o templo também se constituía como um símbolo de autoridade político administrativa. Essa reunião de cidadãos não era tida apenas como uma obrigação, mas representava a fé católica introduzida pelos portugueses nas terras colonizadas. Portanto, a igreja se constituía como a primeira e mais importante construção de uma comunidade, sendo a principal característica do processo de povoamento brasileiro e, por conseguinte, picoense.

Os primeiros criadores de gado vieram do recôncavo baiano, estabelecendo os primeiros rebanhos nas terras picoense:

Já nos meados do século XVIII, um dos filhos de Francisco Borges Leal Marinho, de nome Félix Borges Leal chegou à região de Picos - Pi e se apossou de grandes áreas de terras, fundando ali uma de suas mais importantes fazendas, denominada “Fazenda Curralinho”, situada em férteis várzeas, propícias para a agricultura e pecuária, onde hoje é localizada a cidade de Picos, às margens do Rio Guaribas e cercada por montes Picos que inspiraram a denominação de PICOS.²

O livro genealógico da Família Moura apresenta-nos alguns depoimentos que evidenciam esse processo de povoamento de maneira mais detalhada. A exemplo disto, Lindório de Sousa, neto de Francisco de Sousa Leal – descendente da família Borges Leal, que residia na fazenda de Bocaina, como consta os documentos eclesiásticos em seu nome – conta como Antônio Borges Marinho foi pioneiro no povoamento de Picos (LIMA, 2005).

As terras de Antonio Borges Marinho ficaram em sua maioria aos cuidados de seu filho primogênito Raimundo de Sousa Brito, mas também foram doadas as terras de Ipueira a sua irmã Joanna Borges Leal, e a do “Curralinho” para seu sobrinho Felix Borges Leal. Conta também que ele teve duas esposas e 14 filhos, que permaneceram na região, casando-se com outras famílias, mas mantendo em sua maioria o sobrenome (RIBEIRO, 2012, p. 33).

Entretanto, vale ressaltar as críticas de Ribeiro (2012), muito bem tecidas, quanto essa descrição do povoamento picoense estabelecida por Lima (2005). Isso porque Iracilde Moura Fé Lima (2005), em seu trabalho, apenas reafirmou algo já

² Portal genealógico da Família Luz, Picos PI. Disponível em:< <http://www.familialuz.com.br/picospi.php>>. Acesso em 26/04/2022

consolidado na história do povoamento de Picos, isto é, o lugar central dado a Antônio Borges Marinho e sua respectiva família, sem buscar outras versões de outros descendentes de outras famílias que também ajudaram no povoamento da região, talvez devido a sua família também descender dos Borges. Contudo, cabe a nós também criticar o fato de que Silva também não foi atrás dessas informações, questão que buscaremos explorar na Disciplina de TCC II do nosso curso de Licenciatura em História

No mais, de acordo com Ribeiro (2012, p. 34), as cartas de doações de sesmarias já catalogadas não dispõem de registros sobre a fazenda Currálinho de Félix Borges Leal, “que se diz por muitos historiadores memorialistas o núcleo central do desenvolvimento da povoação de Picos, descrito em vários depoimentos e reproduzido por diversos autores”. O que se tem são outros registros, que foram descritos por Lima (2005) ao analisar as doações de sesmarias nos anos de 1742, 1744 e 1745. Duas terras possuem a denominação de Currálinho, mas seus proprietários não são identificados como membros da família Borges Leal; uma está em nome de Félix Borges Leal, mas sem confirmação legal de sua doação. Há, ainda, uma doação de sesmaria referente a um sítio chamado de Currálinho, em 1743, mas concedida a Francisco Teixeira de Carvalho.

O que há registros, de fato, é a doação da sesmaria Sítio Samambaia, concedida a família de Victor Barros Rocha no dia 5 de agosto de 1741, “quase ao mesmo tempo da ocupação do território por Antonio Borges Leal Marinho, mas que quase não é mencionada nas produções historiográficas anteriores” (RIBEIRO, 2012, p. 35). É apenas nos escritos de Maria Albano e Silva Albano (2011), que tal questão é evidenciada, como observa-se:

Foi também no século XVIII, no ano de 1741, que Victor Barros Rocha, recebeu do capitão geral do estado, de acordo com a determinação do rei de Portugal, D. João V, a carta de sesmaria da fazenda Samambaia. A esse tempo já existia as fazendas Currálinho, Bocaina, Sussuapara e outras. Antes as terras habitadas por essas fazendas eram habitadas pelos índios Acaroás (coroados) e Jaicós. (ALBANO, 2011, p. 27).

Nesse contexto, Albano (2011, p. 27) também trata de evidenciar algumas das várias famílias responsáveis pelo povoamento de Picos, são elas: “os Sousa Martins, os Borges Leal, Borges Marinho, Gonçalves Guimarães, Coelho Rodrigues, Rocha, Barros, Frazão, Moura, Pereira, Macêdo, Brito. Logo depois vieram os Fonte, Neiva, Rêgo, Santos, Portela e mais tarde os italianos”.

Além de Ribeiro (2012) e Albano (2011), outra autora também questiona essa versão da história tradicional. Trata-se de Vieira (2005) que, ao descrever sobre um breve contexto histórico da cidade de Picos, também menciona sobre essa ausência de registros acerca da fazenda Curralinho.

Sobre a região de Picos, Vieira (2005) também aponta que antes mesmo de ser povoada a região já era ponto de comércio entre do Piauí, Pernambuco e Bahia. Assim, compartilhamos da opinião com Ribeiro (2012), ao explicar que a pecuária foi fundamental para o povoamento em Picos, bem como seu respectivo desenvolvimento econômico, independentemente de quais fazendas lhe deram origem, embora este também deva ser um processo que merece maior atenção por parte da historiografia piauiense, que pouco questiona a história tradicional tecida acerca da temática.

Percebe-se com isso que as terras em Picos não eram muito diferentes das outras regiões da província, uma vez que os fazendeiros possuíam as terras e muitos escravos, tantos negros como índios e mulatos que eram frequentemente marginalizados nos sertões (RIBEIRO, 2012).

2.2. A igreja do Sagrado Coração de Jesus

As fazendas estabelecidas na região de Picos foram fortemente influenciadas pela doutrina do catolicismo. De acordo com Albano (2011), essa influência era fruto, sobretudo, da proximidade destas fazendas com as fazendas dos jesuítas, questão que levava os fazendeiros a fazerem tudo conforme os ensinamentos da igreja, tal como venerar imagens, doar esmolas e construir igrejas. É dessa forma que, antes mesmos da região se tornar uma vila, fato que só ocorreu no ano de 1870, a região já teve sua primeira capela construída, graças a família Borges. Essa primeira capela foi construída na fazenda de Bocaina, no ano de 1754, em adoração a Nossa Senhora da Conceição, haja vista serem essas as terras mais antigas da região. Segundo o autor, a Capela foi benta e inaugurada em solenidade no dia 08 de dezembro daquele mesmo ano, pelo Pe. Dr. João de Sampaio, da Companhia de Jesus. A solenidade foi precedida de um novenário, tendo sido bentas, em 29 de novembro, as imagens de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos escravos.”.

Com o surgimento da primeira capela, muitas famílias foram atraídas para o local, esse fator possibilitou a futura criação da cidade de Picos. Aqui entra a

discussão da autora Raquel Rolnik (1995), que fala sobre a cidade como um imã. A autora diz que desde a antiguidade os templos religiosos foram grandes contribuintes para este processo de povoação, pois eles atraem as pessoas e são responsáveis por formar comunidades.

A devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi trazida às terras do Piauí pelas famílias italianas. Essas famílias se estabeleceram em Picos, no terceiro quartel do século XIX e à do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, com a fundação do Apostolado da Oração, em 1897 (ALBANO, 2011).

Segundo Albano (2011), muitos eram os santos adorados e forte era a influência de suas imagens na região picoense, tais como: Nossa Senhora do Rosário, Santa Ana, Santa Luzia, Santa Bárbara, Santo Antônio, São Sebastião, São Jerônimo, São Bernardo, São Bento, São Roque, São Domingos, entre outros. Desse modo, era comum que na casa grande das fazendas tivesse uma sala reservada para os santos, chamada de oratório e que “funcionava como uma espécie de relicário, onde eram conservados além de eventuais relíquias ‘verdadeiras’[...] alguns talismãs, aceitos ou tolerados pela igreja [...]” (MOTT, 1997, p.167).

Ainda de acordo com Albano (2011, p. 29), as primeiras comunidades não contavam com a presença de um padre responsável pela religiosidade local. Estes, por sua vez, vinham fazendo missões, sendo recebidos pelas famílias locais que “orgulhavam-se de tê-lo sob seu teto, e às vezes sob sua proteção”.

Esses missionários celebravam, pregavam, batizavam e ministravam outros sacramentos, a sombra de uma frondosa ingazeira a margem direita do rio Guaribas. Como lembrança da passagem Frei Pedro e Frei Doroteu deixaram uma cruz, que até 1919, ainda se via em frente à Capela do Sagrado Coração de Jesus. Com a saída dos missionários, passaram a sepultar os seus mortos perto do Cruzeiro das Missões (ALBANO, 2011, p. 30).

Assim, os primeiros a povoar a região de Picos ou eram bastante católicos ou eram membros da ordem religiosa, “então tinham costume de erguer uma capela logo que se estabeleciam em um local, como foi o caso de Bocaina (na época ainda era integrante da região da povoação dos Picos) e Picos (nas antigas fazendas e atual centro da cidade)” (RIBEIRO, 2012, p. 38), sobretudo em virtude da “tendência colonizadora portuguesa, de que, onde se fundasse um pequeno povoado logo se erguia a cruz, o altar, e a capela” (VIEIRA, 2005, p. 31).

Raimundo Nonato Santos (2007, p. 24) fala um pouco mais sobre essa prática organizacional de cunho religioso:

Na região da mineração (Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás), surgiram pequenos núcleos de povoamento chamados arraiais. Além das casas nesses arraiais estava sempre presente a construção de uma capela, para abrigar o santo de devoção daqueles que fundam o povoado. De modo geral essas capelas eram feitas de madeira e barro, cobertas com folhas de árvore da região, como as habitações dos naturais das terras.

As informações sobre o processo de construção diferem na historiografia. Segundo Luz Neto (2003) foram Borges Leal e Sebastião Borges Leal – descendentes de Felix Borges Leal, juntamente com Manoel de Moura Fé – que integrou-se à família através de casamento – os responsáveis por edificarem a primeira capela da comunidade, em 1830. A capela era destinada a adoração de São José, santo que foi denominado de São José das Botas, haja vista que a imagem encontrava-se vestida numa roupa de vaqueiro. Para Albano (2011, p. 30), no entanto, a construção da capela teria ocorrido em 1830, graças a Roberto Borges Leal e seus irmãos que “com ajuda do Padre Francisco de Paula Moura, primeiro sacerdote filho da terra picoense, construíram a humilde capela, toda em *madeirame* de carnaúba, dedicada a São José”.

O que se sabe, por sua vez, é que a capela fazia parte de um espaço privado da família Borges e o santo, São José, havia sido do patriarca da família, Miguel Borges Leal, “que trouxe do seu local de origem quando veio para o sertão nordestino ainda no século XVIII” (RIBEIRO, 2012, p. 42). Porém, a capela era destinada a toda a comunidade, visto que a religião católica incentivava que seus fiéis frequentassem igreja, bem como a participação em rituais e festejos aos santos, “o que fazia com que esses fiéis dispersos nessa imensa América Portuguesa estabelecessem por si só o local sagrado, para cumprirem suas obrigações religiosa” (RIBEIRO, 2012, p. 38-39).

Na capela de São José surgiram pastorinhas, “grupos de meninas e moças das famílias do lugar, que na época do Natal dançavam no patamar da igreja e nas casas de família”. (MACEDO, 1981, Apud VIEIRA, 2005, p. 29). Durante 40 anos a capela foi a única igreja da comunidade de Picos (RIBEIRO, 2012).

Atrelada ao comércio, o povoamento de Picos fez com que a região fosse elevada à categoria de vila em 1851, com isso a capela de São José se tornou a primeira sede da freguesia.

A freguesia era uma forma primitiva de organização da vida em comunidade. Esse modelo de organização era norteado pelas relações de poder existente entre a igreja e o estado, que se entremeavam nos bastidores do império de tal forma que, ao erigir-se uma freguesia, “era o poder civil que criava as paróquias a apresentava seus vigários, depois a aprovação do poder eclesiástico” (VIEIRA, 2005, p. 33).

Havia uma relação mutua de colaboração entre Estado e a igreja, uma vez que a igreja sendo bastante desenvolvida e estando praticamente em todos os lugares, o estado se utilizava dela para expandir seu poderio, e como forma de controlar mais”, da mesma forma que a igreja utilizava-se de sua influência na política de Estado para cada vez edificar seu espaço e garantir sua permanência na vida dos fiéis. Se tratava de um sistema onde ambos, igreja e Estado, beneficiavam-se (RIBEIRO, 2012, p. 42).

É somente em 1897 que a capela de São José passa por reformas, introduzidas pelo padre João Hipólito de Sousa Ferreira a fim de aumentar seu espaço, pois estava ficando pequena para comportar seus fiéis, que a igreja passa a se chamar Capela do Sagrado Coração de Jesus. É importante frisar que essa reforma teve como mestre de obras uma mulher, fato de grande relevância social para à época (FOCO, 2001).

Ainda hoje a referida igreja é símbolo de fé e herança histórica para a cidade, como alude o trabalho de Amanda Rodrigues (2021). Localizada no Centro da cidade de Picos-PI, em sua frente fica a Avenida Getúlio Vargas e ao lado esquerdo, a Praça João Leopoldo, além de ser rodeada por áreas residenciais e comerciais, como podemos identificar no mapa abaixo:

Figura 02: Localização das ruas que circundam a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.



Fonte: Rodrigues, 2021, p. 18.

Rodrigues (2021), aborda a forma pela qual a igreja, como é atualmente conhecida pela população picoense, se constitui como um importante espaço de sociabilidade na cidade de Picos, em virtude de seu caráter religioso. Segundo a autora, a igreja se constitui como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Picos pela lei de tombamento N° 266/2017 (BARROS, 2017), “tendo sido conservada em sua originalidade arquitetônica durante esses 30 anos que se transcorreu entre as imagens (de 1950 a 2020)” (RODRIGUES, 2021, p. 19-20), tal como percebemos nas imagens abaixo:

Figura 03: Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 1950.



Fonte: Rodrigues, 2021, p. 19.

Figura 04: Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 2020.



Fonte: Rodrigues, 2021, p. 19.

Podemos perceber através do registro fotográfico da imagem 03 que a Igrejinha se constituía como um fervoroso ambiente religioso, propício para as práticas sociabilidades entre os idosos, as crianças e até mesmo os jovens (RODRIGUES, 2021).

Para referir-se ao monumento histórico-religioso, Rodrigues (2021) traz uma matéria do jornal Meio Norte, que publicou em seu trabalho impresso uma matéria sobre a história do templo católico:

Erguida entre os anos de 1827 e 1830 pelos portugueses Borges Leal e Borges Marinho, a Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus é uma espécie de símbolo para a população picoense, independente do credo professado. Dominando a visão de quem trafega pela Avenida Getúlio Vargas, o tempo é administrado pelo Apostolado da Oração e se constitui no prédio mais antigo da cidade. (IGREJINHA..., 2013 apud RODRIGUES, 2021, p. 20).

A Revista Caminhos do Coração: Apostolado da Oração – 120 anos (1817-2017), lançada em 2017 pela administração de seu Apostolado da Oração, que comemorou os 120 anos de administração da igreja, conta a história da fundação. Para tanto, a revista utiliza-se do depoimento de Maria Lélis, presidenta do apostolado de 1978 até os dias atuais. Consideramos que a parte essencial do documento diz respeito ao destaque sobre a forma como a administração do apostolado é constituída por mulheres. Assim, a revista traça uma linha do tempo da administração do apostolado: Silvina Maria de Macedo (1897-1920), Maria de Sousa Petrola (1920-1922), Sinharia Monteiro (1922-1933), Maria de Alencar Stopelli (1934-1949), Teresa Leopoldo Albano (1949-1978), Joana Alves Costa (1978) e Maria Domini Leopoldo Lélis (1978-2020) (DAMASCENO, 2017). Falando um pouco mais sobre essa questão feminina, é sabido, tal como fica claro nas análises de Rodrigues 2021, que entre as décadas de 1980 e 1990 a igreja se constituía como um dos principais laços de sociabilidade femininos. “Maria Bernadete de Carvalho Almondes (2021) também menciona sua participação, e de tantas outras mulheres, nas festas de padroeiro da cidade de Picos, tal como os festejos do Sagrado Coração de Jesus, ocorridos durante 30 dias de fé e devoção no mês de Junho” (RODRIGUES, 2021, p. 20).

3. UM LUGAR DE ADORAÇÃO: O TEMPLO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Segundo a tradição oral e os depoimentos de pessoas que viviam ainda no início do século passado, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi encomendada em 1847 pelo Cel. Victor de Barros como cumprimento a uma promessa feita ao vaqueiro João das Dores e trazida de Salvador por um escravo, que recebeu sua alforra como prêmio. Albano (2011, p. 11), menciona como os povoadores da região que futuramente se torna a cidade de Picos eram supersticiosos e acreditavam no poder das imagens e dos amuletos santos:

Além do Crucifixo, as imagens mais veneradas eram as de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ana, São Sebastião (protetor contra a peste, fome e guerras), Santa Luzia (protetora dos olhos), Santa Bárbara e São Gerônimo (protetores contra raios e tempestades), São Bernardo (influência dos jesuítas), Santo Antônio (a quem eram atribuídos poderes contra o demônio, e o achado das coisas perdidas), São Bento (protetor contra as cobras), São Roque, São Domingos e outros.

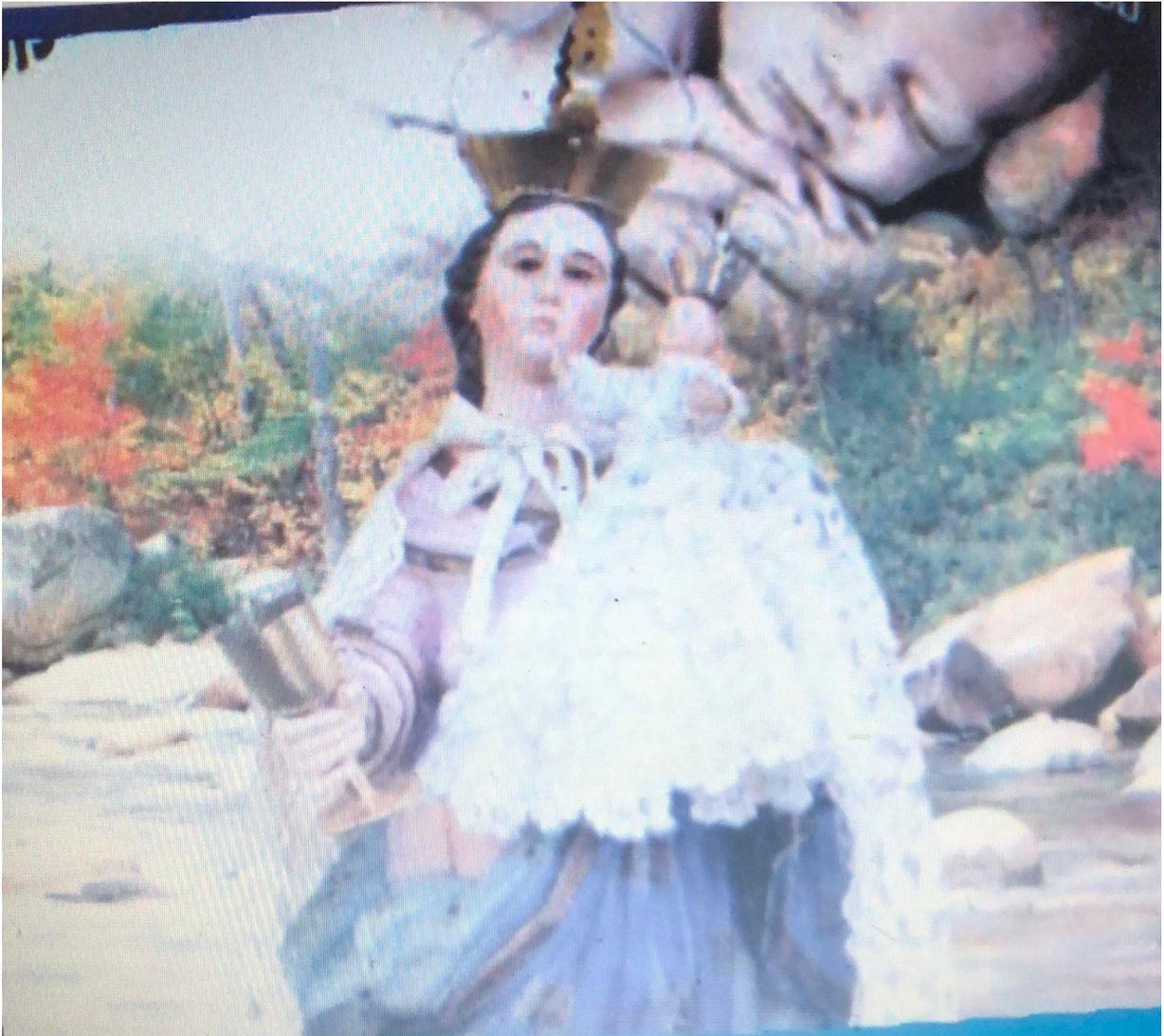
Tamanha era essa crença que na falta de imagens, os povoadores portugueses adquiriam as litografias em quadros que eram expostos nas paredes. A respeito da chegada da santa que hoje é padroeira de Picos, Nossa Senhora dos Remédios, o Albano (2011) relata que não se conservou o nome do escravo que conduziu, “pelos ínvios caminhos do sertão, ao tempo das primeiras águas” a imagem da padroeira de Picos, o que se sabe é que ele era escravo do Cel. Victor de Barros, responsável por comprar a imagem, que veio de Portugal para a Bahia, por \$40.000 (quarenta mil réis), produto da venda de dez vacas paridas. Segundo o historiador, “o humilde negro não sabia nenhum bendito à Senhora dos Remédios. Na sua simplicidade, porém, adaptou o de Nossa Senhora do Rosário (Padroeira dos Escravos), e vinha, pelos caminhos, cantando, sozinho, aos ermos e à Virgem”. O bendito era:

*“Vinde, devotos fiéis.
Doce hino entoar
À senhora dos Remédios,
Virgem pura singular”* (ALBANO, 2011, p. 11).

Dessa forma, a Imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi levada, primeiramente, para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, haja vista que seu templo só veio a ser construído anos depois. Esse processo veio acompanhado de uma

festiva procissão, com a presença de diversos fieis e a liderança de Frei Ibiapino, um venerado apóstolo do sertão nordestino à época. No dia 1º de janeiro de 1848 a imagem foi benta pelo primeiro sacerdote picoense, o padre Francisco de Moura.

Figura 05: Imagem de Nossa Senhora dos Remédios.



Fonte: Documentário História da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios – Picos Piauí.

Em virtude da Resolução Civil nº 308, de 11 de setembro de 1851, a povoação dos Picos foi elevada à freguesia, sob o orago de Nossa Senhora dos Remédios, tendo em vista a grande devoção de sua venerada imagem, com sede na capela de São José. Em 1854 a freguesia de Nossa Senhora dos Remédios é canonicamente reconhecida pelo bispo do Maranhão, D. Manoel Joaquim da Silveira, tendo o padre José de Freitas como seu primeiro vigário.

Porém, é somente em 1871 que foi edificada a igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Picos, pelo padre Antônio Maria José Ibiapino – o Frei Ibiapino – como fruto de sua expedição missionária, tendo a construído em apenas 90 dias, contando com o respaldo financeiro dos cofres imperiais e a mobilização popular por ele promovida. Seus sinos foram doados pelo senhor Justiniano Antônio de Macêdo e a igreja foi benta no dia 01 de janeiro pelo padre João Severino de Miranda Ozório, tendo tido essa data como comemoração festiva da padroeira durante muito tempo, até que as festividades passaram a ser comemorada no mês de dezembro.

A construção da igreja Matriz, induziu a expansão da vila para locais mais adequadas para a habitação. Além disso, a feira livre que já existia desde 1870 ganhou um novo significado quando, aos sábados, os moradores das fazendas e outros matutos, além de tomarem os caminhos da vila no intuito de permutarem seus produtos, o faziam a fim de assistir à missa e inteirar-se das novidades, haja vista que os espaços religiosos se constituíam como lugar de adoração e sociabilidade (FONSÊCA, 2004).

É mediante esse contexto histórico que analisaremos esse processo de construção do novo templo, levando em considerações alguns pontos a destacar, tais como: Quais as motivações para a construção do novo templo? Como essa mudança repercutiu na sociedade picoense, em especial na comunidade religiosa? Como se deu a participação social e sua relação com o clero picoense? Para elucidar tais questionamentos, teremos como principal fonte de pesquisa os relatos concedidos por Dona Maria Domine Leopoldo Lelés e o Senhor Evanílson Gonçalves Moura, em entrevista.

Dona Maria Domine Leopoldo Lelés faz parte da comunidade religiosa picoense, devota de Nossa Senhora dos Remédios, tendo sido testemunha ocular do processo de construção desse novo templo da igreja Matriz. Contabilista aposentada, Dona Maria Domine Leopoldo Lelés é filha de pais católicos, o Senhor Estaqueio Lelés e a Senhora Laurentina Leopoldo Lelés, sendo a décima primeira filha dos 14 filhos do casal. Os pais católicos sempre orientaram os filhos a participarem da igreja, de tal forma que uma das irmãs da Dona Maria Domine Leopoldo Lelés ajudava a preparar e realizar a Primeira Eucaristia. Enquanto isso, nossa entrevistada aprendeu todas as rezas e desde cedo quis já fazer a eucaristia, porém devido ainda não ter idade não pôde fazer, até que seu pai, por ter uma amizade boa com o padre e contar da situação – que ela já sabia as rezas e desejava com muita devoção religiosa realizar a Primeira

Eucaristia – levou o padre a chama-la na igreja e, após conversa, o membro clerical optou por incluí-la na Primeira Eucaristia, mesmo ela ainda não tendo idade de fazer. Com isso, já percebemos como parte das relações entre igreja e sociedade eram delimitadas em Picos no período de construção do novo templo da igreja Matriz. Desse dia até os dias de hoje Dona Maria Domine Leopoldo Lelés nunca deixou de participar da igreja, ainda quando criança começou a cantar na cruzada eucarística infantil e, a partir daí, foi ganhando gama de serviços, tendo ficado no apostolado da igreja durante 40 anos e sendo a atual tesoureira da igreja, além de ter participado da diretoria da Rádio Cultura FM de Picos trazendo a programação das missas e da Diocese de Picos (Maria Domine Leopoldo Lelés, 2022).

Já o senhor Evanílson Gonçalves Moura (2022), embora seja católico e tenha participado dos principais ritos da igreja – Catequese, Primeira Eucaristia, Crisma, Matrimônio e Batizado dos filhos – se afastou da igreja durante um longo tempo. Foi após o convite de um amigo para participar do Terço dos Homens que o senhor Evanílson Gonçalves Moura voltou a frequentar a igreja. A partir disso, o entrevistado passou a ter contato com a história de Nossa Senhora dos Remédios e começou sua trajetória de devoção à santa, através principalmente da sua participação nas missas. Com isso, ele foi convidado para participar do Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão dos Romeiros, no qual sua função seria levar a comunhão para os fiéis que, por motivos de saúde, encontravam-se acamados, além de também realizar as visitas de sétimo dia. Em seu relato, o senhor Evanílson Gonçalves Moura conta que seu objetivo religioso é visitar àqueles que não tem condições de ir à igreja, ofertando a comunhão para os mesmos.

3.1. As motivações para a construção do novo templo

De acordo com Renato Duarte (1991), entre os fins da década de 40 e o começo da década de 50, alguns acontecimentos marcaram e tiveram impacto na vida dos picoenses. Em 1948 o vigário de Picos, padre José Ignácio de Jesus Madeira, decidiu demolir a igreja Matriz para que um novo templo fosse erguido em seu lugar. Na época, ainda havia rumores, entre pessoas ligadas à história da igreja, acerca de que um grupo de padres alemães pertencentes à Ordem da Sagrada Família havia, anos antes, elaborado o projeto de um novo templo a ser construído próximo da igreja Matriz, mas com sua frente virada para a praça, que até então chamava-se Praça Frei

Ibiapino, hoje conhecida como Praça Justino Luz. No entanto, os referidos padres deixaram a cidade por se desentenderem com a hierarquia eclesiástica do Piauí.

Figura 06: Igreja Nossa Senhora dos Remédios em 1930.

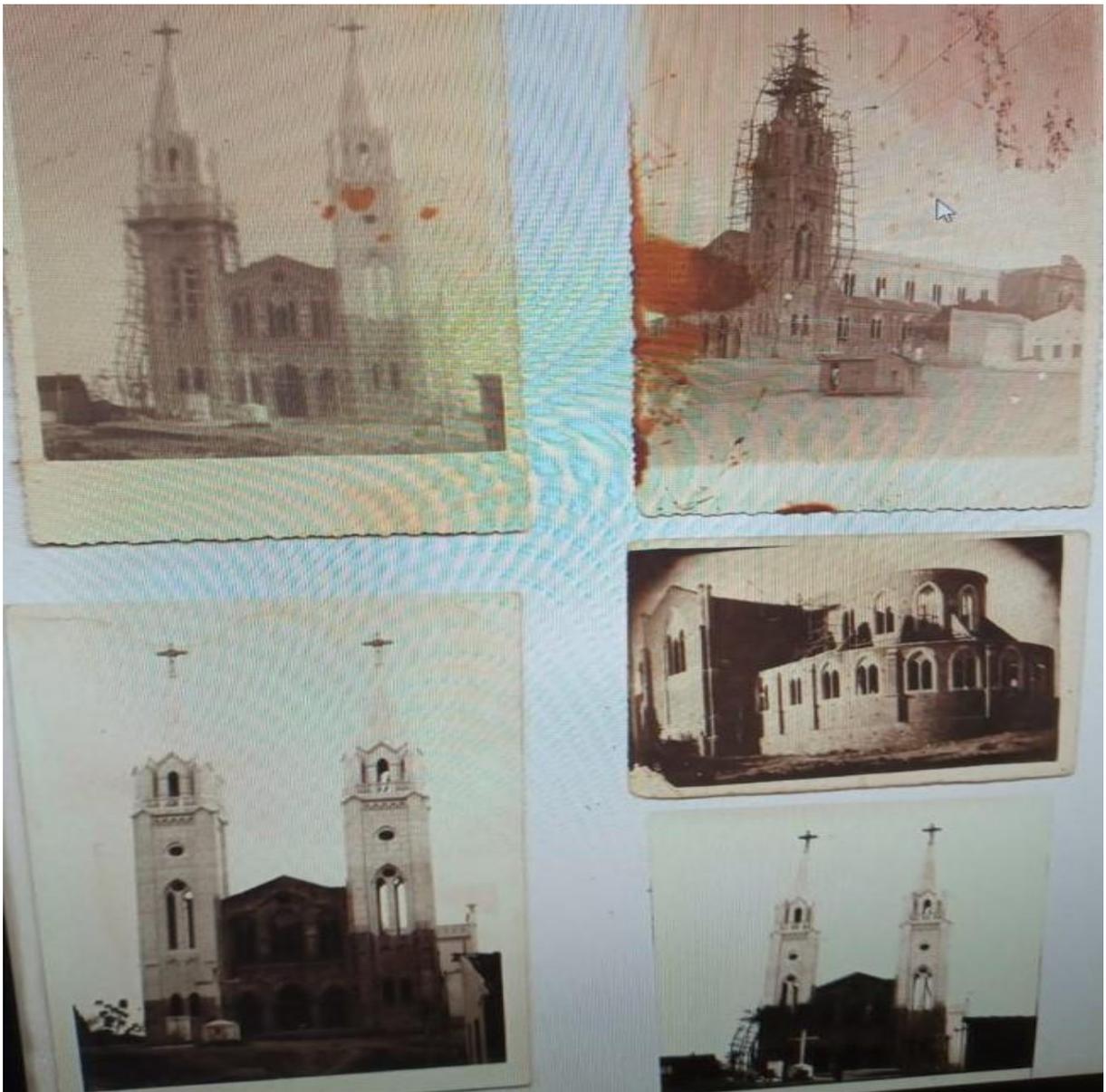


Fonte: Disponível em: <<https://www.museozildoalbano.com.br/marcos-historicos-picos>>. Acesso no dia 19 de setembro de 2022.

Na figura acima, podemos ver como era o templo da antiga Matriz, ela possuía uma edificação própria do estilo religioso colonial, com espessas paredes e colunas, além de escassa luminosidade, contrastando com as coloridas imagens de santos, flores e velas acesas, de tal forma que o interior da igreja encontrava-se em penumbra, ambiente propício para o recolhimento e a oração. Já o novo templo

privilegiava a luminosidade e o despojamento interior, dando ênfase no estilo neogótico, como podemos observar na figura abaixo, que mostram a construção do novo templo na década de 1950.

Figura 07: Reconstrução da Igreja Nossa Senhora dos Remédios em 1950.



Fonte: Disponível em: <<https://www.museuozildoalbano.com.br/marcos-historicos-picos>>. Acesso no dia 19 de setembro de 2022.

Importante é a indagação feita por Duarte (1991) em seu livro *Picos: os verdes anos cinquenta*, no qual ele lança questionamentos acerca dos motivos que levaram a demolição da antiga igreja matriz em nome de uma nova reconstrução do templo, embora esta não seja uma questão explorada pelo autor em sua obra de cunho

descritivo. No documento bibliográfico acerca do padre Madeira apenas consta que o pároco almejava construir um novo templo para que ele se transformasse na nova Catedral e Casa Paroquial, a fim de ser um palácio episcopal, tal como evidencia a realidade de nossos dias.

Para Dona Maria Domine Leopoldo Lelés (2022), devota de Nossa Senhora dos Remédios que acompanhou esse processo de construção do novo templo, segundo entrevista concedida, o que motivou muito a construção da catedral foi a falta de um espaço para que toda a comunidade pudesse estar presente no templo em adoração a Deus e a Nossa Senhora dos Remédios. De acordo com a fiel, quando o primeiro templo da Matriz, erguido em 1871, precisou de reforma, pois sua construção já estava deteriorada, boa parte da população picoense foi contra, sobretudo devido ao grande processo arquitetônico pelo qual o templo passaria, haja vista que se tratava de uma reconstrução total da mais importante edificação religiosa da cidade. Porém, quando o padre Madeira informou que a obra viria acompanhada da construção da diocese a população se animou e começou a voluntariar-se para participar do processo.

O senhor Evanílson Gonçalves Moura (2022) também fala dos motivos que impulsionaram a construção desse novo templo de adoração à Nossa Senhora dos Remédios. Para ele, o crescimento da população foi o principal motivo para que o antigo templo fosse derrubado em detrimento da construção de um novo, maior e mais espaçoso. Isso porque com o crescimento populacional também aumentava o número de devotos católicos que frequentavam as edificações religiosas em adoração à Deus. Dessa forma, o entrevistado conta que naquela época, antes das edificações da igreja Matriz, a cidade de Picos só contava com a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, enquanto contava com um comércio local grande, que levava a uma significativa circulação de pessoas na cidade, haja vista que vinha muita gente das macros e micros regiões picoense para a feira, como ainda acontece nos dias de hoje. Esse grande número de público se fazer presente todos os dias na cidade foi crucial para a criação da Catedral e também para sua transformação, a fim de melhor acolher todos os católicos praticantes, que, além de irem à cidade de Picos fazer suas feiras, também iam para as missas na Catedral, em adoração a Deus e a Nossa Senhora dos Remédios.

O documentário produzido pela Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, também corrobora com essa narrativa, apontando que o principal motivo para a

construção de um novo templo de Nossa Senhora dos Remédios era o estado de deterioração em que se encontrava o referido prédio da igreja. Entretanto, o documento aponta que o projeto inicial não teve andamento por conta da transferência dos padres responsáveis por idealizar essa reconstrução. Embora essa fonte traga uma narrativa vaga acerca do processo, acreditamos se tratar do grupo de padres alemães pertencentes à Ordem da Sagrada Família que foi mencionado por Duarte (1991). Foi em setembro de 1947, com a chegada do padre Davi Ângelo Leal à cidade de Picos que iniciou-se, de fato, a história da reconstrução do templo de Nossa Senhora dos Remédios, isso porque o referido padre fez um requerimento para que fosse enviado um padre auxiliar à cidade, haja vista as demandas religiosas do cargo – que encontrava-se sobrecarregada – sendo ouvido, o padre José Ignácio de Jesus Madeira chegou a cidade picoense em 1948 e se tornou o principal sujeito desse processo religioso.

O padre Madeira, como era conhecido na época, é visto como o principal nome a marcar a história da igreja católica picoense, tal como afirma a narrativa do documentário: “Baixo na estatura, mas grande nas ideias, inteligência, dinamismo, coragem e espírito de liderança” (HISTÓRIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS – PICOS PIAUÍ, 2016), tendo rapidamente ganhado a confiança do povo picoense, que ficaram convencido da necessidade de demolir o templo da antiga igreja Matriz e construir a futura Catedral de Picos. Segundo o documentário, a reconstrução do templo foi um trabalho árduo e feito em total mutirão, com pessoas de todas as idades e classes sociais, que carregavam na cabeça ou nos ombros os materiais da obra: pedras, areia, barro, tijolos e telhas. O dinheiro da obra foi conseguido através de leilões, quermesses, rifas, bailados, campanhas – como as de Cruzeiro Sul e Estrela Dalva – e a peregrinação da imagem de Nossa Senhora dos Remédios, na cidade e no interior, momento este caracterizado como detentor de grandes festas, orações e cantos que duravam a noite inteira, além de ser acompanhado de muita comilança, com bolo, café, galinha assada, e muito aluar.

3.2. Repercussões da mudança e participação social

Para Duarte (1991), não houve reação por parte da população quanto a demolição da quase centenária igreja Matriz de Picos, mesmo ainda havendo espaços alternativos para a construção do novo santuário. Pelo contrário, o depoimento de

Aurino Nunes aponta que a igreja foi demolida com o apoio integral do povo, como evidencia o artigo *Picos: História e Tradição*, publicado na Revista Piauiense dos Municípios.

Conforme Duarte (1991), tanto era a carisma do padre Madeira que, além de não haver oposição a sua iniciativa de demolir a antiga igreja matriz, grande foi a mobilização popular no processo de reconstrução do templo, fazendo da atual catedral um dos maiores templos católicos do Nordeste. Dessa forma, o padre Madeira conseguiu fazer com que centenas de pessoas se dedicassem a exaustiva empreitada. Por vezes seguidas e em caminhadas a pé essas pessoas transportaram, nos seus braços e cabeças, os materiais para a construção da igreja.

A entrevistada, Dona Maria Domine Leopoldo Lelés (2022), corrobora com essa narrativa, contando que os leigos católicos foram motivados a ajudar de forma voluntária tendo em vista dois motivos. Primeiro porque estavam interessados na construção da diocese picoense, o que fez com que as famílias com poder aquisitivo não apenas apoiassem como também ajudassem nessa reconstrução, pagando mão-de-obra e/ou materiais de construção. Enquanto isso, os leigos católicos que queriam ajudar na reconstrução do templo, mas não detinham de poder aquisitivo para tal empreitada, ofereceram sua força de trabalho, sobretudo carregando os materiais pela cidade de Picos até o local da obra. O segundo motivo que influenciou a esses devotos a dedicar-se na empreitada foi o carisma e a dedicação do padre Madeira com a obra de Deus, que possuía grande dinamismo para articular forças entre os diferentes fiéis da sociedade picoense.

Dessa forma, Dona Maria Domine Leopoldo Lelés (2022), conta que a fase inicial da construção, sobretudo quando surgiu os burburinhos acerca da mudança, que não foi nada amistoso, transformou-se num símbolo religioso de notória importância para a cidade de Picos. A materialidade das paredes se levantando e a magnitude simbólica da construção da diocese picoense foi abraçada pela imensa maioria da comunidade religiosa, que via a construção se transformando num espaço lindo e grande para a adoração de Deus e Nossa Senhora dos Remédios.

Ainda de acordo, os relatos do senhor Evanílson Gonçalves Moura apontam que muitos eram os burburinhos e as expectativas acerca de se obter um espaço maior para que os devotos pudessem entregar suas orações a Deus, ele diz se lembrar que os devotos “sempre falavam que com a fé em Deus e por vontade de ter

um local para adoração seria possível e ter um espaço maior que pudesse entregar suas orações ao senhor” (Evanílson Gonçalves Moura, 2022). Para ele, essa reconstrução do templo de Nossa Senhora dos Remédios foi de suma importância, pois a população picoense e das regiões vizinhas eram bastante devotas a santa, tendo uma adoração e fidelidade incondicional a Nossa Senhora dos Remédios e com a reconstrução desse templo fincava-se a consolidação de Nossa Senhora dos Remédios como a nossa padroeira e transformava nossa catedral num grande templo de adoração, hoje considerada a segunda maravilha do Piauí.

Contudo, o Senhor Evanílson Gonçalves de Moura (2022), também nos conta em entrevista que muitos relatos por ele ouvido também evidenciam uma certa resistência social por parte de alguns devotos para a reconstrução do templo religioso, isso porque alguns fieis não queriam se desprender do primeiro templo, mesmo ele estando em condições precárias quanto a sua estrutura. No entanto, ele considera que a salvação para esses embates foi o padre Madeira, que se constituiu como um bom líder religioso nessa empreitada, tendo sido um bom pastor de Deus. Com isso, a admiração nele depositada pelos fiéis se converteu na aceitação da reforma por ele conduzida, principalmente por ele ter sido um padre e líder religioso bastante acolhedor. Além disso, nessa época também já se tinha a promessa da construção, conjunta, de uma diocese, o que deixava os devotos bem animados. Porém, entre os revoltosos assíduos, que não aceitavam em hipótese alguma a demolição do primeiro templo para a reconstrução de uma nova Matriz, houve diversos casos de fieis que resolveram se afastar da igreja em protesto, alguns definitivamente e outros por um determinado período de tempo.

Como pode-se perceber, este não foi um período fácil e nem tampouco de curta duração. Trata-se de um projeto longo, acompanhado de inúmeras dificuldades. Segundo nossa entrevistada, Maria Domine Leopoldo Lelés (2022), àquele era um tempo difícil, em que o acesso a transportes era bastante restrito. Em virtude disso, muitos devotos voluntários tiveram que carregar os materiais de construção no ombro ou em jumentos, quando o devoto possuía tal recurso em suas roças ou dispunha de recurso financeiro para financiá-lo através de diárias. Também haviam os voluntários que possuíam condições financeiras de custear a obra doando materiais de construção. Todos estes indivíduos participaram do processo de reconstrução da igreja Matriz induzidos pela devoção religiosa e pelo destaque sócio religioso que suas ações solidárias ganhariam, conforme enunciado por Duarte (1991).

O Senhor Evanílson Gonçalves Moura concorda que as dificuldades foram muitas e a história que envolve a edificação do templo de Nossa Senhora dos Remédios não foi nada fácil, principalmente no que refere-se às obras do segundo templo. Segundo ele, a maior dificuldade na construção do primeiro templo foi a falta de material, para que a edificação pudesse contar com uma estrutura mais resistente, fazendo com que, alguns anos depois, o templo já se encontrasse deteriorado e fizesse surgir a necessidade não apenas de uma reforma, mas de uma reconstrução, a fim de construir um espaço maior, mais iluminado e resistente. Nesse processo de reconstrução, o entrevistado conta que a maior dificuldade estava na manutenção do material de construção e mão-de-obra, pois se tratava de uma obra grandiosa e que, por conseguinte, necessitava de grandes recursos. Mesmo com a ajuda das famílias mais abastadas da sociedade picoense – que doaram materiais de construção e mão-de-obra, pagando diárias para as pessoas irem trabalhar na reconstrução do templo – e a ajuda das famílias mais humildes – que ajudaram carregando, braçalmente ou com o auxílio de jumentos, os materiais de construção, além de terem ofertado valiosa mão-de-obra – essa foi uma obra de difícil conclusão, tendo demorado cerca de 20 anos para ser concluída, mas com a graças a Deus a luta foi vencida a luta, nas palavras do senhor Evanílson Gonçalves de Moura (2022).

Diante disso, o senhor Evanílson Gonçalves de Moura (2022) conta que o clero estabeleceu uma relação bastante harmoniosa com os devotos religiosos nesse período. Assim, o corpo clerical decidiu lidar com as discórdias causadas no começo e a resistência da população em aceitar que uma nova Matriz fosse construída, cativando os devotos religiosos, sobretudo a partir de muita conversação. Foi essa atitude por parte dos representantes da igreja que fez com que esse processo de reconstrução do templo tenha sido possível. Sem as diversas formas de doação feitas pelos fieis essa obra, de tamanha magnitude, talvez não tivesse se concretizado, pois os recursos da igreja eram limitados. Foram feitas quermesses e leilões para arrecadar dinheiro, muitos fieis, mesmo com baixas condições socioeconômicas, doaram galinhas e ovos, e diversos outros participaram voluntariamente dos mutirões de construção, também foram feitas procissões com Nossa Senhora dos Remédios nas ruas e nas casas dos devotos em busca de ofertas para finalizar a obra (Senhor Evanílson Gonçalves de Moura, 2022).

Essa reconstrução do templo foi, antes de mais nada, fruto da participação social do povo picoense, de tal modo que a areia utilizada foi proveniente do rio

Guaribas; o barro veio da roça do senhor Lousinho Monteiro; as telhas e a alvenaria veio da Ipueiras; as portas, de madeira maciça, foram feitas à mão pelos irmãos Zequinha e João Albano, um trabalho de muita dedicação e competência feita com canivetes afiados sendo sua principal ferramenta; a importante instalação elétrica da torre, que foi executada pelo Senhor Pedro Cecílio do Nascimento, conhecido como Pedrinho da usina; os 69 vitrais que circulam a igreja, adquiridos da Itália e doados por pessoas de maior poder aquisitivo, que deixaram seus nomes gravados em cada vitral – Coronel Luis Sousa Santos, Major Pedro Rodrigues, José Teotonio Luz, Rafael e Zina Xavier e Povo de São Luiz são alguns deles – os altares laterais em mármore garrara, que vieram da Itália graças aos esforços do Apostolado da Oração e Confraria do Carmo; o sacrário de metal dourado com baldaquino para exposição do santíssimo, doando por Acelino Teotonho da Luz; a lâmpada do santíssimo foi presente de Dona Isabel Nunes de Barros, conhecida como Belinha Balduino.

Enfim, a aquisição dos materiais de construção veio como doação das famílias da região, solicitados pelo padre Madeira em troca de que os nomes dos doadores e devotos em campanha fossem reconhecidos pelos documentos registrados acerca do processo. O documentário da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios se refere a essas doações como um belo trabalho, fruto da dedicação, coragem e generosidade do magnânimo povo picoense. O documento também cita alguns nomes em destaque no que refere-se às campanhas realizada, como os de Dona Teresa Leopoldo, Dona Benvinda Nunes e Dona Edite Leopoldo – pelo Apostolado da Oração; Celescína Marcílio e Dona Zizi – pela Confraria do Carmo; e os Vicentinos. Diante disso, percebe-se que, nos 20 anos que durou a construção da atual catedral, “a vida dos picoenses esteve fortemente marcada pelos muitos eventos que objetivavam mobiliza-los em torno daquela obra grandiosa (DUARTE, 1991, p. 104; HISTÓRIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS – PICOS PIAUÍ, 2016).

Com a saída do padre Madeira, o padre Joaquim Rufino do Rego, que em 1970 oficiou a benção da igreja com todos os trabalhos concluídos, sendo esta uma grande celebração, como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 08: Benção Oficial a Igreja Nossa Senhora dos Remédios em 1971.



Fonte: Documentário História da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios – Picos Piauí, 2016.

Em 1971 o referido padre foi nomeado bispo de Quixada – Ceará, sendo substituído pelo padre Alfredo Xefle, que foi pároco da igreja até 1984. Em 1975 foi instada a diocese de Picos, tendo Dom Augusto Alves da Rocha como seu primeiro bispo. Em 1976 o núncio apostólico Dom Carmine Rocco veio a Picos fazer a consagração da Catedral à Nossa Senhora dos Remédios, símbolo de fé e sentimento de todos os picoenses.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da cidade de Picos Piauí está totalmente interligada a influência da religião, a partir da crença na doutrina cristã. Ao identificarmos o processo de desbravamento e povoamento da região de Picos, percebemos que a cidade traz consigo fortes traços de sua herança colonial. O povoamento no estado do Piauí se deu através da criação de gado, haja vista que essa atividade econômica não exigia muita mão de obra e a estrutura demográfica do estado era pouco desenvolvida. Em Picos essa realidade não foi diferente, seu povoamento foi ganhando forma através de uma estrutura econômica ruralista, com forte influência religiosa, tendo em vista a doutrina católica da cristandade.

Vimos que a Igreja Católica Apostólica Romana, desde a época da colonização portuguesa, teve um papel fundamental em nossa cultura, de tal forma que o Brasil nos dias atuais é o país que possui mais católicos no mundo, como aponta os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A religião traz muitos significados e muitos são seus símbolos culturais, tais como suas construções arquitetônicas. No caso do Brasil esses símbolos são bastante fortes, de tal forma que é muito comum as igrejas serem símbolos de fé. Sua maioria é construída em locais estratégicos nas cidades, locais de fácil acesso e boa visibilidade, sendo esses templos religiosos muito influentes na sociedade, e em Picos Piauí não seria diferente.

A história do processo de povoamento picoense nos mostra como a fé na doutrina cristã serviu como um ímã na formação de cidades, unindo as mais diversas pessoas através de um coletivo religioso, construindo uma comunidade cristã. Picos nasceu das fazendas de gados e do comércio que se formava em seu entorno, mas o que realmente uniu as pessoas foi a fé cristã, a partir da construção da capela de Nossa Senhora da Conceição pela família Borges Marinho. Em seguida, essa fé cristã passou a ser professada pela devoção em São José, na capela que hoje fica a igreja do Sagrado Coração de Jesus, primeira Matriz de Picos e igreja que acolheu a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, até que se iniciou o processo de construção de um templo próprio para a devoção da santa na cidade.

A construção do templo de Nossa Senhora dos Remédios passou por dois momentos diferentes e foi a principal questão a ser explorada em nosso trabalho. Inicialmente, vimos que a expedição missionária do Frei Ibiapino foi responsável por construir, em tempo recorde, um templo religioso para a adoração de Nossa Senhora

dos Remédios, tendo sido construído em apenas 90 dias, contando com o respaldo financeiro dos cofres imperiais e a mobilização popular por ele promovida. Contudo, um novo templo foi construído mediante a demolição deste antigo.

Nossa investigação apontou alguns motivos para que essa mudança ocorresse, sobretudo considerando que o templo de Nossa Senhora dos Remédios se constituía como símbolo da fé e da cristandade não só do povo picoense, como da população em seu entorno, localizados nas micros e macros regiões da cidade. As diversas fontes analisadas – relatos de fiéis, documentários da igreja e livros – apontam que, após quase 80 anos de sua construção, o templo já se encontrava bastante deteriorado, além de que sua arquitetura era mais modesta e rustica. Diante dessa realidade, o padre Madeira almejava construir um novo templo, apenas reformar o templo não era suficiente, pois o pároco idealizava uma grande obra arquitetônica, capaz de transformar-se numa futura catedral, com diocese própria.

Tamanhas aspirações não foram, inicialmente, bem recebidas pelos fiéis católicos, haja vista que se pretendia alterar a maior expressividade de fé da região, mas o padre Madeira, sendo bem visto em seu cargo religioso, não apenas conseguiu a aprovação da grande maioria dos fiéis, como conseguiu inclui-los como os mais importantes sujeitos do processo. Sem a efervescente participação dos devotos religiosos essa obra, de excessiva magnitude, jamais teria sido possível. 20 anos chega a ser um curto período de templo quando olhamos para os detalhes desse processo de reconstrução, que demandaria mais recursos do que a igreja da época poderia arcar e que realizou-se graças as diversas mobilizações sociais empreendidas.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Maria C. S.; ALBANO, Silva. **Picos nas anotações de Ozildo Albano**, Picos, 2011.

AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil**: um campo para a pesquisa social. Salvador: Edufba, 2002.

BARROS, José Maria. Lei que embargou reforma da Catedral de Picos proíbe alterações externas. **GP1: Piauí**. 26 de abril de 2019. Disponível em: <<https://www.gp1.com.br/pi/piaui/noticia/2019/4/26/lei-que-embargou-reforma-da-catedral-de-picos-proibe-alteracoes-externas-453325.html>>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da religião**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2022.

DAMASCENO, Marcelo. Revista Caminhos do Coração: Apostolado da Oração – 120 anos (1817-2017). **ISSU**. 03 dez. 2017.

DUARTE, Renato. **Picos**: os verdes anos cinquenta. Recife: Liber, 1991.

FONSÊCA, Graziani Gerbasi. **Os italianos de Picos**: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordeste a partir de 1970. Teresina: EDUFPI, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2º ed. São Paulo: Biblioteca Vértice, 1990.

HISTÓRIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS – PICOS PIAUÍ, 2016.

IGREJINHA do Sagrado Coração de Jesus merece reconhecimento histórico. **Jornal Meio Norte**, Picos-Piauí, 15 mar. 2013. (Disponível em: <<https://www.meionorte.com/pi/cidades/picos/igrejinha-do-sagradocoracao-de-jesus-merece-reconhecimento-historico-244031>>. Acesso em: 15 de março de 2022.

LELÉS, Maria Domine Leopoldo. [86 anos]. [Setembro. 2022]. **Entrevistador: Fábio Conceição Leite**. Picos-PI, 28 de Setembro.2022.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé - **De Moura aos Moura Fé: Resgate de uma trajetória**. Teresina-PI: Edição da Autora, 2005.

LUZ NETO, Francisco Teotônio Da. **Genealogia da Família Luz**, 2003.

Marcos Históricos de Picos. Disponível em: <<https://www.museozildoalbano.com.br/marcos-historicos-picos>>. Acesso no dia 10 de outubro de 2021.

MOTT, Luiz. **Piauí Colonial: População Economia e Sociedade**. TERESINA: SECRETARIA DE CULTURA, 1985. 142 p.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivencia religiosa: entre Capela e o Calundu. In: NOVAIS, F. A. **História Da Vida Privada No Brasil**. São Paulo Companhia Das Letras, 1997, v.1. Cotidiano E Vida Privada Na América Portuguesa.

MOURA, Evanílson Gonçalves. [45 anos]. [Setembro. 2022]. **Entrevistador: Fábio Conceição Leite**. Picos-PI, 28 de Setembro.2022.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry. In: **Proj. História**, São Paulo, V. 10, p. 7-28, 1993.

Picos - PI, Aspectos históricos in: Portal genealógico da Família Luz, Picos PI. Disponível em:< <http://www.familialuz.com.br/picospi.php>>. Acesso em 26/04/2022.

QUEIROZ, Teresinha. J.M. **Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 3º Ed. Teresina, EDUFPI, 2006.

RIOS, Fábio. Memória Coletiva e Lembranças Individuais a Partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013.

Revista FOCO – **Edição Comemorativa dos 111 Anos de Picos, Nossa História – 2001**.

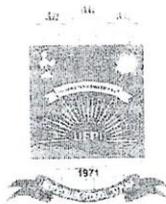
ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** Editora brasiliense. 1995.

RODRIGUES, Amanda Sousa. **Representações sensíveis da urbe: os espaços de sociabilidades picoenses, das décadas de 1980 e 1990, sob a ótica feminina**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História, pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Picos, 2021.

RIBEIRO, Vanessa da Silva. **Capela de São José de Botas dos Picos: do povoamento a freguesia (1830-1855)**. Monografia (TCC em História) apresentada a Universidade Federal do Piauí, Picos, 2012.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Timon: uma flor de cajazeira - do povoamento à Vila**. Timon: [s. n], 2007.

VIEIRA, Maria Alveni B. **Educação sociedade picoense: 1850 a 1930**. EDUFPI, 2005.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Jábio Lourenço Leite
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação A construção de um novo templo religioso: memórias, representações e adoração em Picos (1945-1974) de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de Janeiro de 2023.

Jábio Lourenço Leite
Assinatura

Jábio Lourenço Leite
Assinatura